

AUMENTAR A ALIENAÇÃO | DE RÜDIGER RAULS

Posted on 27. Oktober 2020

Nem com Putin, Trump e os Xi da China são os campos políticos tão unidos na sua rejeição como com Erdogan e a Turquia. Os pontos de vista da corrente ocidental são largamente adoptados sem reservas mesmo por aqueles que de outra forma os rejeitam. A indignação moral, no entanto, não pode substituir uma análise objectiva.

Um ponto de vista de Rüdiger Rauls.

Representantes do povo não amados

É o padrão dominante na apresentação do valor Oeste que a culpa pela deterioração das relações recai sempre sobre os outros: Putin, Xi Jinping, Lukashenko, Maduro e, claro, Erdogan. Eles são os causadores de problemas no mundo, porque do ponto de vista dos formadores de opinião não aderem às normas que o Value West declarou vinculativas para todo o mundo. Isto é tomado como razão para medidas punitivas, na sua maioria sob a forma de sanções.

Não é preciso gostar de Erdogan. Também não se tem de gostar de Putin ou Trump ou Merkel ou do Xi da China. Mas apesar de toda a antipatia pessoal, um facto essencial não deve ser negligenciado: Representa centenas de milhões de pessoas. Especialmente no Ocidente, a emocionalização, a indignação moral e a difamação são repetidamente utilizadas como meios de confronto. Mas são maus conselheiros, quando a verdadeira questão deveria ser reconhecer os acontecimentos políticos e compreender as ligações sociais. Só uma análise objectiva e baseada em factos pode ajudar aqui.

O Primeiro-Ministro turco e os outros papões do valor ocidental - com excepção do Xi Jinping da China - foram eleitos de acordo com procedimentos geralmente considerados como o padrão para eleições democráticas no sentido ocidental. De acordo com este entendimento, não deve realmente importar se os resultados correspondem aos desejos do valor do Ocidente, porque eleição é eleição. Afinal, os eleitores ocidentais não votam de acordo com os desejos dos governos turco, russo ou chinês.

Os eleitos representam os interesses do seu país em relação a outros Estados, tal como eles próprios e a maioria da sua população compreendem estes interesses. Isto aplica-se tanto à Erdogan como à Merkel,

Putin ou Trump. Por outro lado, os interesses de um Estado tocam por vezes os de outro, o que pode conduzir a conflitos. Nesses casos, os esperançosos tornam-se muito rapidamente papões, simplesmente porque dão preferência aos seus próprios interesses em detrimento dos do valor ocidental.

Pressão e dificuldade

Durante décadas os principais estados capitalistas estavam habituados ao facto de a economia e a política dos outros estarem alinhadas com os interesses ocidentais. Este era o núcleo político do imperialismo. Isto era normalmente sobre a abertura dos mercados. Onde a abertura voluntária dos mercados não funcionou, ajudaram com canhoneiras e com o destacamento de tropas.

Assim, foi criada uma ideia que ainda hoje muitos políticos ocidentais parecem ter internalizado e por isso consideram não ter alternativa: "A única linguagem que Putin entende é a da dureza"(1), como Norbert Röttgen exemplificou esta atitude na disputa sobre Nawalny e Nordstream2 .

Mas o erro existe no lado ocidental. Os Putins só compreendem a linguagem da dureza porque é a única que o valor do Ocidente sabe falar. Mas os defensores desta tese não querem reconhecer e ainda menos admitir que a pressão sob a forma de sanções traz cada vez menos sucesso.(2)

Em contraste com isto é a habilidade diplomática da Rússia, que também fala outras línguas. No Médio Oriente, conseguiu manter conversações com todos os actores nos conflitos sobre a Síria, Líbia e actualmente entre a Arménia e o Azerbaijão, e chegar a acordos sólidos. Isto é feito com base no respeito pelos interesses dos interlocutores na linguagem da reconciliação de interesses.

Desta forma, a Rússia e também a China podem continuar a expandir com sucesso a sua própria influência no mundo. Eles sabem por experiência própria que a pressão militar atinge os seus limites - especialmente em tempos de armas nucleares.

Antigo portador de esperança

O que é impressionante na política do valor do Ocidente é que os seus representantes estão cada vez mais a entrar em conflito com outros Estados. Os EUA, em particular, estão a recorrer cada vez mais a sanções

para fazer cumprir a sua própria vontade. Enquanto a Rússia e a China estão constantemente a melhorar as relações com outros Estados, a relação do valor ocidental com o resto da comunidade de Estados está a deteriorar-se. Isto nem sequer pára no seu próprio acampamento.

A situação é crítica na UE, entre os EUA e a UE e, há já algum tempo, especialmente no seio da NATO, entre a Turquia e os outros Estados da aliança. Na opinião dos líderes de opinião dos outros Estados da OTAN, a Turquia é a única culpada por esta fenda. Palavras críticas sobre a sua própria política em relação aos Aliados não podem ser ouvidas. Nem mesmo a aproximação da Turquia à Rússia leva a repensar a sua própria política.

No entanto, tudo tinha começado tão bem com Erdogan como o novo homem em Ancara. Numa revista Jürgen Gottschlich, correspondente turco do jornal diário, descreve as mudanças na política turca com as quais Erdogan já se tinha deparado em 2004: "Nos dois anos do governo Erdoğan foram realizadas mais reformas do que nos 20 anos anteriores. A liberdade de opinião e a tolerância zero à tortura foram proclamadas e consagradas na lei, os direitos culturais foram garantidos para a minoria curda e a pena de morte foi finalmente abolida..... Numa entrevista, ele anunciou na altura que iria conseguir trazer a Turquia para a União Europeia. (3).

Além disso, seguiu "um curso que inspirou muitos intelectuais, incluindo os de influência ocidental" (4). Isto foi até inteiramente ao gosto de Daniel Cohn-Bendit, um antigo revolucionário de salão e mais tarde um político Verde bem pago pela Europa. Até ele "foi levado com Erdogan; viu nele um espírito afim em resistência"(5). Muito avanço, portanto, precisamente de forças que hoje o acusam de enganar o Ocidente, ou seja, os seus próprios ideais.

No entanto, havia apenas uma coisa que eles não tinham tido em conta em toda a idealização de Erdogan e a sua paixão pelos seus próprios ideais: a realidade das condições sociais na Turquia. Para estes foram mais difíceis do que nas sociedades ocidentais já mais desenvolvidas. Enquanto as grandes cidades turcas tinham um carácter largamente ocidental com uma população moderna e educada, a maioria dos turcos ainda vivia no atraso e na pobreza das zonas rurais. Havia falta de postos de trabalho para prover um meio de

subsistência à população em rápido crescimento. Isto não é satisfeito apenas pelos ideais ocidentais.

Interesses contraditórios

Por esta razão, desde os anos 60, o desenvolvimento das relações com a UE, anteriormente CEE (Comunidade Económica Europeia), tem sido o foco da política turca. O seu objectivo, que nunca se perdeu de vista ao longo de todas as décadas e tensões políticas, era a plena adesão à UE. Isto também está claro na citação de Erdogan acima.

As crescentes tensões políticas entre a Turquia e o Ocidente em geral e a UE em particular têm a sua origem nos diferentes interesses da Turquia e dos Estados da UE. As diferentes preocupações e acusações morais, políticas e jurídicas são principalmente pretextos que a UE tem apresentado como uma rejeição do desejo de plena adesão da Turquia.

Para os direitos humanos e outros argumentos político-idealistas apenas desempenham um papel nas declarações e justificações do valor do Ocidente onde servem os seus próprios interesses. Isto é particularmente evidente no cortejo, em grande parte acrítico, das monarquias árabes, que estão muito afastadas do Estado constitucional da Turquia no que diz respeito à democracia e aos direitos humanos. (6)

A Turquia procurou um mercado para os seus produtos agrícolas na CEE, mais tarde na UE. Especialmente nos primeiros tempos das relações económicas comuns, eram os únicos produtos de exportação do país devido à economia turca pouco desenvolvida. Além disso, esperava um acesso mais fácil da sua própria população aos mercados de trabalho na Europa. A fim de desenvolver a sua própria economia, o país contou com investimentos de países ocidentais.

Havia um interesse comum entre a política económica turca e europeia na questão dos investimentos. Nesta área, portanto, raramente surgiram conflitos intransponíveis entre os interesses turcos e europeus no período que se seguiu. Continuaram a complementar-se bem durante os anos 2000. Para os europeus, o verdadeiro interesse na Turquia era a exportação de produtos industriais e de capital.

Em contraste, os Estados europeus tinham pouco interesse em fornecer produtos agrícolas turcos para

proteger os seus próprios agricultores. A própria UE já tinha enormes excedentes sob a forma de montanhas de manteiga e lagos de leite e vinho. Os seus armazéns frigoríficos estavam cheios dos excedentes de carne dos agricultores europeus.

Com o fim do milagre económico alemão e o desemprego crescente nas nações industriais europeias, o interesse pela mão-de-obra barata da Turquia, geralmente pouco qualificada, também diminuiu na indústria europeia. Mesmo os turcos que já viviam na Alemanha teriam ficado demasiado felizes por se verem livres deles. "Em 1983, a então coligação negra-amarela decidiu oferecer um bónus de retorno a todos os turcos que tinham ficado desempregados" (7).

Antes de portas fechadas

Embora a Turquia tivesse tentado em vão, durante décadas, tornar-se membro de pleno direito da UE, teve de experimentar como, após a queda da União Soviética, os antigos Estados do Pacto de Varsóvia se tornaram membros de pleno direito em pouco tempo. Por razões estratégicas, os antigos países do Bloco de Leste deveriam ser incorporados na UE e também na OTAN o mais rapidamente possível e afastados da influência da Rússia.

Em 1996 foi concedida à Turquia uma união aduaneira como consolo e em 2005 iniciaram-se as negociações de adesão à União Europeia. Mas estas negociações falharam devido à questão cipriota, que era previsível quando a questão cipriota surgiu de todo. Não se pode, portanto, excluir que o ponto de equilíbrio tenha sido construído desde o início para causar o fracasso das negociações.

De que outra forma podemos explicar o facto de, um ano antes, Chipre, que é economicamente insignificante em relação à Turquia, ter sido aceite como membro de pleno direito? Porque "com a adesão de Nicósia, Bruxelas "importou" o conflito insular. Os desenvolvimentos na ilha influenciam as relações turco-europeias" (8).

Deveria ter ficado claro para aqueles com experiência política em Bruxelas e noutras capitais europeias desde o início que a Turquia nunca concordaria em reconhecer o governo cipriota com o qual tinha estado

em conflito desde a divisão do país em 1976. Embora a preferência dos Estados da Europa Oriental em relação à Turquia pelas razões estratégicas acima mencionadas fosse ainda compreensível, havia apenas uma explicação para a plena adesão de Chipre: a adesão da Turquia já não era política ou economicamente desejável nessa altura.

Porque com a plena adesão da Turquia, este país ter-se-ia tornado um peso pesado europeu ao lado da Alemanha com os seus cerca de 80 milhões de cidadãos, e a liberdade de circulação dos trabalhadores turcos dentro da UE teria agravado os problemas no mercado de trabalho europeu, que já tinham aumentado consideravelmente com a integração dos Estados da Europa Oriental.

Na verdade, com o Acordo Aduaneiro de 1996, a UE tinha em grande parte realizado os seus próprios interesses em relação à Turquia: abertura do mercado turco para produtos industriais e capitais europeus, nenhuma liberdade de circulação para os cidadãos turcos na UE e protecção da sua própria agricultura da concorrência turca. A Turquia conseguiu o que era importante: capital e investimento ocidentais e acesso limitado ao mercado agrícola europeu, mas nada mais.

Deixado sozinho

A guerra síria criou um novo campo para novas tensões, desta vez não só entre a Turquia e a UE, mas também com o resto dos parceiros da NATO. Desde o início, a Turquia tinha-se oposto a Assad e apoiado os rebeldes que o combatiam militarmente. Mas também interveio activamente nos combates, envolvendo-se em escaramuças com a força aérea síria.

Contudo, depressa se tornou claro que só os rebeldes não seriam capazes de derrotar as forças sírias. Em 2012 e 2013, os conflitos entre os grupos jihaddistas e pró-ocidentais dentro do campo rebelde tornaram-se cada vez mais frequentes porque o apoio do Ocidente se dirigia principalmente a este último. Os conflitos entre os rebeldes promoveram a sua desintegração e assim reduziram as perspectivas de vitória sobre Assad. A pressão dos valores ocidentais sobre a Turquia para se envolver mais na guerra aumentou.

Embora a Turquia parecesse preparada para o fazer, como já tinha demonstrado ao abater aviões sírios, não

queria suportar sozinha o risco. Já em 2012, exortou os outros Aliados a declarar o caso da Aliança, o que garantiria o apoio de toda a Aliança. Mas os Aliados não estavam preparados para fazer isso. A Turquia ficou sozinha a combater Assad e limitou-se a apoiar os rebeldes com dinheiro, armas e ajuda, mas sem tropas regulares.

A partir daí, o comportamento da Turquia deixou de ser entendido estrategicamente, ou seja, numa mudança de regime na Síria, mas sim taticamente, ou seja, na protecção dos seus próprios interesses. Isto incluía o exercício de pressão sobre os parceiros da OTAN para realizarem os seus próprios planos. Os litígios sobre a utilização do aeroporto de Incirlik por aviões da OTAN, que levaram à sua transferência para a Jordânia e a um enfraquecimento da vigilância aérea por parte dos Estados da OTAN, devem ser vistos neste contexto.

O apoio subsequente da Turquia ao Estado islâmico e à luta contra os curdos, ou as repetidas incursões e ocupação de áreas curdas no norte da Síria, deve também ser visto no contexto deste comportamento tático. Por um lado, queria proteger os seus interesses em relação aos Curdos. Por outro lado, no entanto, era para ser exercida pressão sobre os americanos que se aliaram aos curdos. A Turquia forçou-os a escolher entre os Curdos e o parceiro da OTAN.

Até agora, os americanos sempre escolheram os interesses dos turcos. Embora esta tática tenha resultado em vantagens para a Turquia em detrimento dos curdos, também aumentou a tensão entre a Turquia e os EUA e piorou a relação entre os dois países.

Sinais inaudíveis

Um ponto alto da fractura no seio da aliança da NATO foi a viragem tática da Turquia em direcção à Rússia e a tentativa de golpe por parte dos militares turcos durante o ano. A aproximação da Turquia à Rússia anunciou o início da derrota para o Ocidente. Nesta situação, o golpe contra Erdogan poderia ter provocado uma mudança na política turca em relação à Rússia e Assad.

Mas porque Erdogan, ao contrário dos putschists, teve o amplo apoio do seu próprio povo, o golpe militar

falhou. Erdogan acusou os EUA e o Ocidente de serem os mestres por detrás da revolta, o que não pode ser negado, uma vez que foram eles os beneficiários do golpe (9). Estes acontecimentos aprofundaram o fosso entre os parceiros da OTAN, especialmente porque o Ocidente quase não condenou o golpe.

No entanto, houve também sinais repetidos, especialmente na direcção da UE, o que teria tornado possível uma reorientação da política para a Turquia. Especialmente os acordos sobre a questão dos refugiados deveriam ter deixado claro à UE que a Turquia ainda estava à procura de proximidade com a UE. De facto, suporta o fardo dos movimentos de refugiados causados pelas guerras na região, que são apoiadas pelo Ocidente dos valores, em muito maior medida.

Embora a Turquia mantenha agora boas relações com a Rússia e tenha também desenvolvido laços económicos, não é de modo algum o parceiro turco de eleição. Ainda se encontra no Ocidente. Mesmo nas actuais disputas sobre a Líbia e os poços de gás no Mediterrâneo, a Turquia está de facto a mostrar muito mais visão política do que os valores ocidentais.

Na Líbia, por exemplo, apoia o governo de Sarajevo, que foi criado por iniciativa do Ocidente, mas não teve o apoio do Ocidente quando o General Haftar já se encontrava às portas de Trípoli. O compromisso turco do lado de Sarradsch garantiu decisivamente os interesses ocidentais na região também em relação à Rússia, o que o próprio Ocidente não estava em condições de fazer (10).

Os seus próprios interesses

E mesmo no conflito sobre os poços de gás no Mediterrâneo "os sinais de desanuviamento vêm da Turquia. Ancara retirou um navio de investigação na disputa do gás e criou uma linha directa com Atenas" (11). Tais sinais de desanuviamento foram pouco apreciados pelos europeus, e ainda menos importância é atribuída em Bruxelas aos interesses do parceiro da OTAN.

Pois: "A Turquia pode ter a maior linha costeira de qualquer país mediterrânico, mas está largamente excluída da exploração dos seus recursos minerais. Para pequenas ilhas gregas como Kastellorizo, que fica apenas a dois quilómetros da Turquia continental, pode reivindicar uma zona económica exclusiva à custa

da Turquia" (12).

O direito internacional está do lado da Grécia, que também concede mesmo às ilhas mais pequenas uma plataforma continental de 200 milhas náuticas como zona económica exclusiva. Por outro lado, a preocupação da Turquia é compreensível, cuja própria plataforma continental é limitada pela das ilhas gregas à vista da sua própria costa.

É por isso que a atitude intransigente da UE em relação às objecções da Turquia é incompreensível. Parece, no entanto, que tanto no caso da Turquia como da Rússia, a hostilidade se tornou agora tão generalizada que as políticas e regulamentações sensatas já não são concebíveis e só podem ser vistas como uma derrota, especialmente no Ocidente, onde prevalecem os valores.

Contudo, esta atitude do valor ocidental em relação à Turquia tem uma vantagem: enfraquece a NATO e reduz assim os perigos que a aliança representa para o resto do mundo. Enquanto os conflitos no seio da Aliança e no seio dos Valores Ocidentais continuarem a acumular-se, o mundo terá paz a partir deles. Isto é particularmente verdade no que respeita às disputas nos EUA.

A este respeito, a atitude hostil dos opositores da OTAN em relação à Turquia é politicamente insensata. Ao fazê-lo, adoptam sem qualquer crítica o ponto de vista dominante que, de outra forma, rejeitam. Em vez de desenvolverem um ponto de vista independente e político, eles deixam-se envolver emocionalmente. Não tem de gostar da Turquia e do Erdogan, mas deve julgá-los objectivamente e especialmente de acordo com os seus próprios interesses, e estes não residem no reforço da OTAN.

Fontes e comentários:

(1) Reuters vom 3.9.2020: Röttgen stellt die Erdgas-Frage

(2) Siehe dazu Rüdiger Rauls: [Die Sanktionierten schlagen zurück](#)

(3) [TAZ vom 26.9.2018: Aufstieg von Recep Tayyip Erdogan](#)

(4) ebenda

(5) ebenda

(6) siehe dazu Rüdiger Rauls: [Das israelisch-arabische Komplott](#)

(7) Zeit-online vom 2.8. 2013, [Türken waren Kanzler Kohl fremd](#))

(8) Bundeszentrale für politische Bildung: [Zypern und die türkisch-europäischen Beziehungen](#)

(9) siehe dazu Rüdiger Rauls: [Türkei: Vorwärts in die Vergangenheit](#)

(10) siehe dazu Rüdiger Rauls: [Geht die Nato am Mittelmeer baden?](#)

(11) FAZ vom 6.10.20: Signale der Entspannung aus der Türkei

(12) ebenda

Rüdiger Rauls Buchveröffentlichungen:

- Krieg um Syrien [Buchbeschreibung](#)
- Wie funktioniert Geld? [Buchbeschreibung](#)
- Kolonie Konzern Krieg – Stationen kapitalistischer Entwicklung [Buchbeschreibung](#)
- Zukunft Sozialismus oder die Grenzen des Kapitalismus [Buchbeschreibung](#)
- Die Entwicklung der frühen Gesellschaften-Die Geschichte Afghanistans [Buchbeschreibung](#)
- Was braucht mein Kind? [Buchbeschreibung](#)
- Späte Wahrheit (Prosa) [Buchbeschreibung](#)
- Herausgeber von:
 - Imre Szabo: Die Hintermänner (ein politischer Krimi) [Buchbeschreibung](#)
 - Imre Szabo: Die Unsichtbaren (ein politischer Krimi) [Buchbeschreibung](#)

+++

Obrigado ao autor pelo direito de publicar o artigo.

+++

Fonte da imagem: EQRoy / portadas

+++

KenFM esforça-se por um amplo espectro de opiniões. Os artigos de opinião e as contribuições dos convidados não têm de reflectir a opinião do pessoal editorial.

+++

Gosta do nosso programa? Informação sobre outras possibilidades de apoio aqui:

<https://kenfm.de/support/kenfm-unterstuetzen/>

+++

Agora também nos pode apoiar com as Bitcoins.



BitCoin endereço: 18FpEnH1Dh83GXXGpRNqSoW5TL1z1PZgZK